



Encontro Gaúcho de Educação Matemática

A Educação Matemática do presente e do futuro:
resistências e perspectivas

21 a 23 de julho de 2021 - UFPel (Edição Virtual)

ETNOMATEMÁTICA NUMA FEIRA AGROECOLÓGICA

Paulo Rafael Antunes¹

Marcos Lübeck²

Eixo: 03 – Cultura, Etnomatemática, História da Matemática e da Educação Matemática

Modalidade: Comunicação Científica

Categoria: Alunos de Pós-Graduação

Resumo

Este artigo apresenta um recorte de uma investigação em andamento, realizada no espaço de uma feira agroecológica, em Foz do Iguaçu/PR. O trabalho visa (re)conhecer conhecimentos matemáticos, identificando saberes e fazeres dos feirantes presentes em seu contexto cultural e nas suas práticas cotidianas. Com isso, pretendemos (re)conhecer uma Cultura Matemática existente nesta feira, a Etnomatemática própria daquele espaço socioeconômico, contribuindo com uma reflexão sobre as construções matemáticas ali realizadas. Para a coleta e a descrição de dados, realizamos uma pesquisa de campo que contou com observações das práticas cotidianas, conversas informais e entrevistas abertas gravadas e registradas em um diário de pesquisa. Os dados coletados estão sendo interpretados por meio da análise de discurso. Como resultado, destacamos a percepção de uma Matemática contextualizada e própria dos sujeitos da feira, motivada pelo seu ambiente natural, social e cultural, que se identifica em cada transação comercial que acontece, na organização espacial da feira, nas conversões de moedas, nos sistemas de medidas próprios, entre outros. Esperamos que este registro possa ser útil para a elaboração de futuras propostas de ensino e para educadores, mas também para outros que desejem conhecer melhor as feiras agroecológicas na perspectiva dos conhecimentos ali presentes.

Palavras-chave: Etnomatemática; Feira; Saber/fazer; Matemática.

Introdução

Entendendo a Matemática como um conjunto de habilidades práticas necessárias à sobrevivência, ou ainda, “[...] como uma estratégia desenvolvida pela espécie humana ao longo de sua história para explicar, entender, manejar e conviver [...] dentro de um contexto natural e cultural” (D’AMBRÓSIO, 2005, p.82), somos motivados à realização deste trabalho.

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste; E-mail: antunespaulorafael@gmail.com

² Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste; E-mail: marcoslubeck@gmail.com



Quando associamos a Matemática com habilidades necessárias para a sobrevivência, quando a inserimos num contexto diário de vivência na comunidade, almejamos levar as pessoas à uma reflexão acerca do seu cotidiano e a pensar em quais aspectos e situações do seu saber/fazer diário a matemática se insere e por que ela é indispensável. Este olhar para os saberes e fazeres locais, contextualizados nos espaços de vivência comunitária, podem contribuir para (re)significar o ensino de Matemática, para que as pessoas consigam vislumbrá-la como uma ferramenta essencial para suas vidas e que estará presente em vários aspectos de seu dia a dia. Assim, este trabalho como objetivo principal (re)conhecer conhecimentos matemáticos, isto é, saberes e fazeres envolvidos no espaço de uma feira agroecológica, contextualizados cultural e socialmente, nos afazeres e nas relações entre os sujeitos daquele espaço.

A escolha do espaço de uma feira agroecológica como campo de estudo se dá por sua importância para o desenvolvimento econômico de produtores locais, e também por este ser um espaço de manifestação e difusão da cultura popular, sendo um rico espaço de aprendizagem. Com nossas observações, então, tentamos apresentar o saber/fazer matemático presente neste espaço, analisar as relações pessoais e de trabalho entre os sujeitos envolvidos, os conceitos e as estratégias que usam para melhorar seus resultados, a forma como mentalizam as operações que realizam, os traquejos e as formas de comunicação usadas na interação com os clientes, entre outros.

Fundamentação Teórica

As demandas educacionais contemporâneas e as novas conjunturas que vivemos requerem uma ressignificação da Matemática. Novas premissas educacionais levam à busca de modelos em que o ensino não deve se restringir à mera transmissão de conhecimentos e sim valorizar a sabedoria e as práticas diárias de indivíduos e grupos, as quais perpassam as dimensões culturais e sociais. E a Etnomatemática é aqui apresentada como referencial para esta ressignificação. Propomos investigar saberes e fazeres cotidianos, levando em conta o senso comum, esperando que todas as pessoas sejam plenamente incluídas no sistema educacional e sejam capazes de buscar soluções necessárias, bem como promover mudanças na sociedade em que se inserem, uma vez que este é o propósito da educação. E a Matemática pode e deve participar desse processo.

Somos levados a buscar novas formas de conceber o processo de ensino e aprendizagem e a procurar outras formas de conceber a Matemática e o seu ensino. Aliás, em



1897, John Dewey (1859-1952), um educador e filósofo norte-americano, já afirmava não ser possível dissociar a escola e a vida, propondo que a educação valorizasse e priorizasse o presente, oportunizando condições para exploração de interesses individuais e atuais, ao invés de focar apenas em um futuro remoto. Dizia ele: “Eu acredito que educação, então, é um processo de viver e não uma preparação para viver no futuro. Eu acredito que a escola tem que representar a vida presente e ela continua na casa, no bairro, ou no playground” (DEWEY, 1897, p. 77-80).

Assim, formas de ensinar e aprender conceitos matemáticos podem e devem levar em consideração o contexto social, econômico e cultural. Isso não significa que a Matemática acadêmica, comumente ensinada e aprendida nas escolas, deva ser deixada de lado ou ser menos valorada. A grande questão é inserir estes conceitos no contexto cotidiano, nas relações interpessoais, culturais, sociais e de trabalho. “Não se trata de ignorar nem rejeitar conhecimentos e comportamentos modernos. Mas, sim, aprimorá-los, incorporando a ele valores de humanidade, sintetizados numa ética de respeito, solidariedade e cooperação” (D’AMBRÓSIO, 2005, p. 43).

É preciso fazer uma conexão entre os saberes matemáticos trabalhados na sala de aula com os conhecimentos produzidos fora dela, preocupação esta que está presente na literatura que data ainda da primeira metade do século XX. Nesse período, trabalhos como os de White (1947) e Wilder (1950; 1968) já versavam sobre a pertinência de se tratar a Matemática como um produto cultural, reconhecendo sua influência para os seres humanos, indicando que os conteúdos e outros aspectos do currículo matemático deveriam depender de como a própria Matemática interage com os indivíduos, grupos culturais, povos e nações.

Aqui, vale lembrar que o termo Etnomatemática nos remete ao sentido de ser capaz de entender, de explicar e de desempenhar (*matema*) um papel importante na realidade do indivíduo, inserido em um contexto cultural próprio (*etno*), nos quais os povos, em suas culturas, desenvolveram maneiras próprias, artes, estilos e técnicas (*tica*) para conhecer, explicar e modificar as suas realidades, solucionar seus problemas cotidianos em um ambiente de aprendizagem que está em constante evolução (D’AMBROSIO, 1998).

Existem saberes e fazeres próprios de cada cultura que estão presentes no cotidiano, relacionados às diferentes áreas do conhecimento, e, assim, também para a Matemática. São ações comuns fazer comparações, classificar, medir, avaliar, quantificar e explicar usando aparatos e instrumentos concretos, ou mesmo aparatos intelectuais, e estas ações tem



associadas a elas muitos conhecimentos matemáticos que são válidos, que são verdadeiros e que foram desenvolvidos/adquiridos em casa, na comunidade, entre amigos, na rua, etc. A Etnomatemática reconhece estes saberes e práticas do cotidiano.

E mais, “a Etnomatemática propõe uma pedagogia viva, dinâmica, de fazer o novo em resposta a necessidades ambientais, sociais, culturais, dando espaço para a imaginação e para a criatividade” (D’AMBROSIO, 2008, p. 10). Por esta perspectiva, reconhecemos que grupos culturalmente identificados desenvolvem diferentes habilidades e conhecimentos, e que, em seu dia a dia, apresentam uma linguagem comum, sem formalismos, que são compartilhados de forma eficaz entre indivíduos, de uma forma natural, pela qual se observa que aquilo que é compartilhado é, da mesma forma, aceito e compreendido, pois funciona em uma determinada situação específica e satisfaz as necessidades dos indivíduos de sobreviver e seguir adiante para enfrentar novos desafios.

A capacidade de desenvolver soluções para os problemas diários se constitui numa exigência social, indispensável para o desenvolvimento pessoal, profissional e econômico. Neste contexto, o sucesso da educação em geral, e também do ensino de Matemática em particular, não está exclusivamente relacionado ao fato de ser algo tradicional ou moderno e sim de ser algo que ajude os indivíduos na solução de problemas. Ser algo que atenda às demandas e necessidades de uma sociedade no século XXI.

Uma sociedade em mudança, apresentando muitas novas situações para as quais as tomadas de decisões, muitas vezes, devem ser ágeis e carregadas de responsabilidades. Por isso, não basta solucionar um problema, mas é necessário que esta solução venha com consciência ambiental e com respeito às diferenças e ao contexto cultural no qual o problema emergiu. Soluções deste tipo requerem, além de muito raciocínio lógico e conhecimentos técnico-científicos, domínio de alguns conceitos e, principalmente, capacidade do indivíduo de se sentir parte integrante da sociedade para a qual a solução é pensada.

Faz-se necessário, com isso, entender os aspectos culturais para então vislumbrar uma perspectiva mais inclusiva da Matemática, que respeita os saberes prévios e os fazeres aí associados. É inegável que os alunos chegam à escola repletos de conhecimentos, capazes de elaborar explicações complexas, sendo que, por vezes, suas experiências e práticas cotidianas superam a perspectiva do educador. O desconhecimento do ambiente cultural dos estudantes é uma das barreiras que dificultam o respeito ao saber e fazer pré-existentes. Assim, propomos voltar nossa atenção para um espaço que faz parte do espaço urbano habitado por nossos



alunos, que é o espaço de uma feira agroecológica, buscando reconhecer os saberes e fazeres matemáticos que ali permeiam.

Aspectos Metodológicos

Neste trabalho propomos a realização de uma pesquisa qualitativa, na perspectiva de um estudo de caso, no qual investigamos os saberes e fazeres locais dos atores principais da Feirinha Agroecológica do Gramadão da Vila A, na cidade de Foz do Iguaçu, Paraná/Brasil. Esta feira ocorre semanalmente, às sextas-feiras, com início ao final da tarde e término já durante a noite. A feira é pequena, composta de cinco bancas de famílias de pequenos produtores. O período de observações para a realização do trabalho foi o segundo semestre de 2019 até o início do ano de 2021, frequentando a feira em horários diferentes, possibilitando observar características relacionadas aos variados públicos que frequentam a feira em função dos horários de funcionamento da mesma.

Com a pesquisa, buscamos valorizar o conhecimento no contexto da educação em espaços de interação social, espaços culturais e de educação popular, como é o caso do *lócus* escolhido. Nosso trabalho pode ser caracterizado como sendo do tipo etnográfico, onde a etnografia pode ser entendida como a ciência da descrição cultural, uma vez que fazemos uso de técnicas que tradicionalmente são associadas à etnografia, tais como a observação participante e a entrevista. Apesar de tratar-se de um trabalho que visa observar e descrever, a observação aqui realizada é do tipo observação participante, pois a interação do pesquisador com a situação estudada é constante e inevitável. Ainda, cabe dizer que aqui o pesquisador é o instrumento principal na coleta e na análise dos dados (ANDRÉ, 1995).

Os dados coletados estão sendo agora interpretados por meio da análise de discurso (RAPLEY, 2014). Com base nessa análise, apresentamos aqui um registro das vivências no espaço de uma feira agroecológica, das estratégias e formas de organização de trabalho que estão presentes nos fazeres e saberes diários dos atores principais da feira, isto é, os feirantes.

Descrição e Análise dos Dados

Ao analisar a história da construção dos conhecimentos, podemos observar que todo conhecimento é construído pela necessidade de se obter respostas a determinadas situações. Por exemplo, pela necessidade de enfrentar determinado agente causador de uma doença, estuda-se, pesquisa-se e tenta-se desenvolver uma vacina. Pela necessidade de maior produção



de alimento, desenvolvem-se novas técnicas de cultivo. E assim por diante. Além disso, a construção do conhecimento está ligada a um contexto histórico, político, social e cultural.

Nesse sentido, D'Ambrosio (2005) nos diz que o conhecimento é resultado de um longo processo cumulativo, onde se identificam diferentes estágios como o de geração, de organização intelectual, social e de difusão do conhecimento e que este processo é muito dinâmico e influenciado pelos estímulos naturais do contexto social e cultural em que os indivíduos se inserem. Ademais, a construção do conhecimento sempre esteve relacionada à necessidade, ao cotidiano e à cultura dos povos.

Observa-se que as distintas civilizações passadas estavam empenhadas em resolver os problemas relacionados às suas vivências e desenvolviam um modo único de fazer, de conceber e instruir-se perante o ambiente em que estavam inseridas, cada qual sistematizando e organizando o conhecimento matemático de maneira própria e adequada às suas necessidades. Observamos que, assim, também o fazem os feirantes (D'AMBROSIO, 2005, 2018; ROSA e OREY, 2005).

Ao observar os feirantes, percebemos que aprimoram suas técnicas e habilidades de interação social e utilizam diferentes estratégias matemáticas para se destacar num ambiente que é, ao mesmo tempo, competitivo, mas também cooperativo, rico em diversidade de trajetórias de vida e de práticas cotidianas. Observando os produtos vendidos na feira, a cada olhar, temos o registro de algum saber/fazer matemático. Percebemos que um conhecimento bem estruturado é necessário para que eles sobrevivam deste trabalho. São muitos produtos comercializados e cada um tem processo de produção/cultivo diferente. Hortaliças, legumes, frutas, leite, ovos, mel, salame, banha... são vendidos *in natura*, mas há também produtos derivados destes. Sobre cada produto poderia se ter uma aula de Matemática e de educação financeira. Até a concretização da feira, muito trabalho e conhecimento são necessários entre o plantio, o cultivo, a colheita e a produção de outros produtos derivados.

Frequentando a feira por um longo período fica evidente a alternância entre os produtos ofertados. Notamos, especialmente entre as frutas vendidas, que a disponibilização dos produtos se dá de acordo com a época mais propícia de colheita dos mesmos. Aos feirantes, é disponibilizado um calendário, onde consta a época mais adequada de plantio de cada planta. Há ainda os que utilizam um aplicativo para telefone que indica a melhor época de plantio. Mas os conhecimentos que os pais e os avós lhes passaram, bem como a própria experiência, também estão presentes na hora de decidir o que plantar.



Em suas palavras:

- Eu uso o calendário e o aplicativo, mas tem coisa que eles não te dizem. Por exemplo, eu planto e colho abóbora o ano todo, mesmo que não seja época. Porque eu já peguei o jeito, já sei que se eu plantar fora de época vai ter momentos que vou ter que aguardar mais ou aguardar menos, ou então cobrir os pés com sombrite para proteger da geada. Isso não preciso fazer quando é época certa, mas são cuidados que se você toma, aí você colhe o ano todo (Feirante A).
- Eu planto algumas coisas tipo um mês antes da época certa, se a lua tiver boa. Já sei que vai ter uns cuidados extras, vai dar um pouco mais de trabalho, mas aí você colhe antes. Traz para feira um produto que ninguém tem ainda e o preço está melhor (Feirante B).
- A lua é quem manda no que a gente produz! Tem fase da lua que é certa para plantar o que cresce embaixo da terra, tem outra para plantar o que nasce em cima da terra. Quer plantar as raízes, tipo mandioca, cenoura, beterraba, cebola, etc.? Então tem que ser na lua minguante! Se quiser plantar milho, alface, tomate, aí planta na lua crescente (Feirante C).

A maioria das observações relatadas acima eles aprenderam na prática! Mas nota-se, também, em outros diálogos, que a troca de experiência com os técnicos que os acompanham é considerada importante:

- A gente sempre sabia pela nossa experiência esta questão da lua certa para o que cresce embaixo ou em cima da terra. Nem sei te dizer quem me ensinou isso, parece que sei desde que nasci. Mas foi o técnico que me contou que isso tem a ver com a maneira que a luminosidade da lua influencia o crescimento das plantas. Ele é estudado, sabe bastante coisa (Feirante D).

Assim, notamos que a experiência dos feirantes e os conhecimentos que eles possuem em função de sua história de vida e da sua cultura se aliam aos conhecimentos compartilhados com o técnico que os orienta, levando a uma compreensão sobre os diferentes níveis de influência que cada fase da lua tem para determinado conjunto de plantas e sobre os períodos mais adequados para cada plantio, em função da época de mais ou menos chuva, entre outros.

A habilidade dos feirantes na realização de cálculos mentais também é algo que impressiona. Muitos dos feirantes não usam calculadora e, por vezes, realizam cálculos mais rapidamente que o observador, que é professor de Matemática. Vendo que me surpreendeu pela rapidez na realização dos cálculos, o Feirante E explica a forma como ele estrutura suas operações matemáticas mentalmente:

- Você tem que fazer as contas sempre com valor cheio, e depois você soma à parte os centavos e tira do total (Feirante E).
- Você consegue me explicar isso com valores de produtos, para exemplificar? (Pesquisador).
- Assim, se o cliente comprou acerola de R\$ 4,00; R\$ 3,50 de bananas e mais uma perna de salame de R\$ 11,75 eu calculo tudo cheio, colocando para cima os valores com centavos: R\$ 4,00 + R\$ 4,00 + R\$ 12,00 que vai dar R\$ 20,00. Daí eu somo os 25 centavos do salame com os 50 centavos da banana que coloquei a mais na conta, que vai dar R\$ 0,75, e aí é só descontar este R\$ 0,75 dos vinte reais que vai dar R\$ 19,25 (Feirante E).



Percebemos nisto que o feirante tem uma forma peculiar, própria, de estruturar suas operações matemáticas. E, na prática, observamos que esta forma de estruturação atende às suas necessidades. Identificamos aqui os jogos de linguagem citados por Wanderer (2009), nos quais percebemos que se fazem presentes algumas regras, como a decomposição, a estimativa e o arredondamento, cuja aplicação pelo feirante difere das regras presentes nos jogos de linguagem que seriam orientados pela Matemática escolar no contexto destas operações quando realizadas em sala de aula, mas que na experiência vivenciada pelo feirante funcionam e levam ao resultado esperado.

A relação entre feirantes também é algo que impressiona quem os observa naquele ambiente de trabalho. Percebemos que existe um comércio interno nas comunidades produtoras, onde as transações comerciais e parcerias de vendas acontecem num momento que precede a feira. Uma determinada banca vende diversos produtos: verduras, legumes, frutas, geleias, queijos, etc. Uma feirante conta que na comunidade em que reside, cada vizinho produz algumas coisas, com a assistência, orientação e supervisão dos órgãos responsáveis pela certificação de produtos orgânicos.

A feirante B comercializa produtos de moradores da localidade em que vive e divide com estes os custos do transporte. Alguns produtos, como o leite, compra dos vizinhos e, em casa, prepara queijos e doce de leite. O processo de compra do leite para produção de outros produtos consiste, segundo ela, em uma transação que lhe é financeiramente vantajosa, mas que também é interessante para o vizinho que vende o produto primário. Quando questionada se faz algum controle sobre os custos e lucros destas operações – compra de leite para produção de doce de leite ou queijo, por exemplo – ela explica:

- Assim, 25 litros de leite dá para fazer umas quatro peças de queijo, de mais ou menos 1 kg cada peça. Eu não faço todos iguais né, faço menor, faço maior, que é para ter do gosto de todo mundo. Mas assim, pelas minhas contas, se fosse fazer as quatro peças iguais, com duas peças eu pago o leite. Das outras duas eu tiro pouquinho para a coalhada e sal, e vamos dizer que uma peça e meia é meu lucro (Feirante B).

- E você considerou também os custos de armazenamento e transporte? (Pesquisador).

- Ah, para com isso! Esse custo aí a gente deixa no pacote geral. Se eu colocar os mínimos detalhes vou acabar parando de trabalhar (risos). Mas agora estou vendo porque trabalho tanto e não fico rica (Feirante B).

Apesar do cálculo aproximado, a produção de produtos derivados é uma forma de agregar valor ao produto primário, de diversificar os produtos ofertados na banca e todos os



envolvidos acabam se beneficiando. Ganha o produtor de leite, que consegue vender seu produto, e ganha também a produtora dos queijos e derivados que consegue diversificar os produtos que oferta em sua banca e consegue lucrar um pouco com esta transação. Percebemos, também, que há uma conceituação matemática envolvida no processo de produção dos queijos. Em palavras diferentes, a feirante relacionou matematicamente as quantidades e medidas relativas de leite necessárias para a produção de um quilo de queijo.

Assim, notamos que a feira é um espaço educativo fantástico, e que transborda conhecimentos culturais locais e escolares, pois em muitas situações, observamos a presença de conceitos matemáticos. No entanto, são as relações pessoais e as trocas de conhecimentos entre indivíduos que mais nos encantam.

Considerações Finais

Identificamos e reconhecemos saberes e fazeres relacionados ao cotidiano da população local com vistas a valorizar estes conhecimentos e também os sujeitos deste espaço, rico em experiências e tão diverso, que é a feira agroecológica, entendendo-o como um espaço cultural, um local de luta e de sobrevivência e também reconhecemos este como sendo um ambiente onde a educação popular acontece. Uma vez que a Matemática está presente no cotidiano dos feirantes e do público que os prestigia, nas manifestações culturais e econômicas, entendemos a feira como um espaço criativo de produção e manipulação do conhecimento matemático.

A pesquisa realizada nos mostra diferentes aspectos dos sujeitos da feira agroecológica. Para além de pequenos produtores rurais que comercializam seus produtos, os feirantes são também dedicados comerciantes, que encaram seus negócios com vistas à melhores perspectivas de vida. Percebemos que a feira não é entendida apenas como uma oportunidade de sobrevivência. Eles buscam se aperfeiçoar, diversificar os produtos ofertados e almejam, realmente, por meio da feira, conseguir proporcionar melhores condições de vida para si mesmos e a seus familiares, sem deixar de pensar no bem de seus clientes.

Na feira, aprende-se a dar valor aos produtos cultivados e percebemos todo o esforço que está envolvido no processo de produção. Na feira, a habilidade com números e o raciocínio matemático daqueles que pouco frequentaram a escola impressionam. Na maioria das vezes, não usam calculadora, e utilizam um método de estruturação das operações matemáticas diferente da que ensinamos em sala de aula, mas que funciona plenamente. A



feira, sem dúvida, se apresenta como um espaço de educação popular, um ambiente culturalmente rico e diverso que, certamente, tem muito a nos ensinar sobre a história da construção do conhecimento que ali permeia.

Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- D'AMBROSIO, U. Etnomatemática, justiça social e sustentabilidade. **Estudos avançados** [online], vol.32, n.94, p.189-204, 2018.
- D'AMBROSIO, U. O Programa Etnomatemática: uma síntese. **Acta Scientiae**, v. 10, n. 1, p. 7-16, jan./jun. 2008.
- D'AMBRÓSIO, U. Sociedade, Cultura, Matemática e seu Ensino. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, p. 99-120, 2005.
- D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática**. 5. ed., São Paulo: Ática, 1998.
- DEWEY, J. Meu credo pedagógico. In D'Ávila, A. **Pedagogia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954.
- RAPLEY, T. **Los análisis de la conversación, del discurso y de los documentos en investigación cualitativa**. Madrid: Ediciones Morata, 2014.
- ROSA, M.; OREY, D. C. Raízes históricas do programa Etnomatemática. **Educação Matemática em Revista**, ano 12, n. 18-19, p. 5-13, 2005.
- WANDERER, F. Etnomatemática e seus fundamentos: contribuições do pensamento filosófico segundo Wittgenstein. In: FANTINATO, M. C. C. B. (Org.). **Etnomatemática - novos desafios teóricos e pedagógicos**. Niterói: Ed. UFF, 2009, p. 115-123.
- WHITE, L. The Locus of Mathematical Reality: an anthropological footnote. In R. Hersh, R. (ed.). **Unconventional Essays on the Nature of Mathematics**. New York: Springer, 1947/2006, p. 304-319.
- Wilder, R. L. The cultural basis of mathematics. **Proceedings International Congress of Mathematicians**, v. 1, p. 258-271, 1950.
- Wilder, R. L. **Evolution of mathematical concepts: an elementary study**. New York: John Wiley, 1968.